
Nu Corpo e Alma (seleções)

Vivaldo de Andrade, Universidade da Califórnia em Berkeley

INAUGURAL

Yo no he tenido tiempo para mí mismo,
ni para mis manos ni para mis pies.
Dios corre desnudo como un niño,
de vientre libre, incandescente.
Mi sexo se impregna de perfume,
y si yo lo castrara me haría semejante a un dios.
La tarde sangra.
Mi prepucio sangra.
Todo se asemeja a una gigantesca menstruación inaugural,
pero lo que fluye
es un azul flamante,
ineficaz todavía.

DIOS COMO HIPÓTESIS

Dios es una hipótesis
en el vuelo de mis manos
sobre el espacio vacío del papel.
Un dedo mío corre el cielo
deletreando e-s-t-r-e-l-l-a-s.
Las estrellas son también hipótesis.

AMANHECER-MANHÃ

O amanhecer amanhece
arrastando a cantiga mole do dia.
Enquanto eu lavo meus olhos
no primeiro sol
o pigarro de um galo-violino
arranha a película azul da vida.

EPIFANIA

Os bancos estão repletos de espíritos
e centenas de cabecinhas barrocas
param para ouvir silenciosamente
o arcanjo-Elisa tocar o órgão.
E a música inunda a Sé.
E a música é a mesma de 200 anos atrás.
E a música lembra Deus.
E a música é Deus.
— o mesmo Deus de 200 anos atrás:
Deus em dó maior.

COMUNHÃO

A lua é hóstia consagrada
que agarra no céu da boca
da noite.

VILA RICA DE OURO PRETO

Pedras evocam o silêncio das paredes mortas
para o cemitério das horas. . .
Me inscrevo na paisagem petrificada
entre o prepúcio do Itacolomi
e o crepúsculo que se mira da São Francisco de Paula
para além dos quatro profetas mutilados,
para além de mim mar ausente de sal e de peixes
mas que me declara quatro luas seminuas
entre os cabelos de ouro de Santa Efigênia.
Uma mulher se oferece nua: Pilar.
De seus seios-veios escorre um medo majestoso
enquanto o pássaro ultrapassa com o seu vôo-canto-cântaro
as mãos gratuitas de São Francisco de Assis.
Nas ladeiradas ruas tortas me inscrevo
deixando sob os meus rastros-astros o cheiro forte de ouro preto
trazidos pelos meus pés desnudos de outroras andanças,
escondidas malacachetas.
Um homem de dorso nu constrói pontes
e o anjo-Aleijadinho talha em pedra-jacarandá
a figura-homem de Antônio Francisco Lisboa.
Um homem de dorso nu constrói pontes.
Passo uma ponte, passo outra. . . e tenho defronte:
tomases, cláudios, joaquins, gonzagas e heliodoras.
E o homem de dorso nu teima em construir pontes...
Tudo é inédito e eterno.
A paisagem se fotografa a si mesma.

MÃOS

As minhas mãos gritam no papel em branco
por causa de uma esperança perdida
(a mesma que andava junto ao bonde de Drummond)
e por causa de uma faca cravada a morder como uma boca
a minha sétima costela.

Eu ainda não consegui definir direito o que seja essa faca:

Se é Deus

amor

mulher

homem

vida.

Ou se é somente uma faca de cortar carne mesmo
que eu mesmo me cravei

ao tempo em que tudo me sai

pelas pontas dos dedos-anzóis-em-sem-isca

nas minhas unhas enlouquecidas,

numa espécie de fogo em que me fervo a 100 graus centígrados
dentro da minha própria panela de mim.

Permaneço assistindo impassivelmente

o desenhar de letras no papel,

libertando umas e crucificando outras

que poderiam estar dizendo o que agora não digo.

A minha única certeza é que eu não posso lavar as minhas mãos
frente às palavras.

E talvez eu saiba o porquê, talvez não.

O que sei é somente o advento de pássaros-pombos-peixes
que povoam a praça da minha cabeça de papel em desuso.